



## XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

### GT-5 – Política e Economia da Informação

#### INTELECTO GERAL: UMA VISADA ESPECULATIVA DE KARL MARX E SUA SUPERAÇÃO

#### *GENERAL INTELLECT: A KARL MARX'S SPECULATIVE VIEW AND ITS OVERCOMING*

Rodrigo Moreno Marques. UFMG.

#### Modalidade: Resumo Expandido

**Resumo:** Neste breve texto, analiso trechos da obra madura de Karl Marx para confrontar algumas interpretações que, ao empregar a noção marxiana de intelecto geral (*general intellect*), acabam endossando equívocos do idealismo pós-moderno. Nesse sentido, a pesquisa ora relatada tem como objetivos: (i) apresentar a controversa noção de intelecto geral de Marx; (ii) expor a origem da expressão intelecto geral, que é bem anterior ao seu emprego pelo pensador alemão; e (iii) contrapor a noção de intelecto geral com a obra madura de Marx, na qual ele abandona aquela concepção em favor de uma interpretação que representa melhor o capitalismo avançado. Como opção metodológica para atingir esses objetivos, foi realizada uma revisão bibliográfica que confronta algumas reflexões de Matteo Pasquinelli e Michael Heinrich com alguns textos que Marx nos legou.

**Palavras-Chave:** Intelecto geral. Ciência e tecnologia. Automação industrial. Economia Política. Marx.

**Abstract:** In this brief text, I analyze some passages of Karl Marx's late works to confront some interpretations that, adopting the Marxian notion of general intellect, end up endorsing misconceptions of postmodern idealism. Accordingly, the article aims: (i) to present Marx's controversial notion of general intellect; (ii) to expose the origin of the expression general intellect, created some decades before Marx adopt it; and (iii) to compare the notion of general intellect with Marx's mature works, when he abandons that conception in favor of a better representation of advanced capitalism. To reach these goals, as a methodological approach, a bibliographic review confronts some thoughts of Matteo Pasquinelli and Michael Heinrich with some Marx's works.

**Keywords:** General intellect. Science and technology. Industrial automation. Political Economy. Marx.

### 1 INTRODUÇÃO

Este resumo expandido apresenta sinteticamente parte de alguns recentes resultados<sup>1</sup> de uma agenda de pesquisa de longo prazo que visa empregar as lentes da Economia Política e, especialmente a obra de Marx, para apreensão de fenômenos que são caros ao campo da Ciência da Informação, a exemplo das relações sociais que subjazem ao uso das tecnologias.

---

<sup>1</sup> Os argumentos apresentados nesse breve resumo são abordados de modo ampliado e mais detalhado em outra publicação, na qual exponho outros importantes aspectos desse debate (MARQUES, 2022a).



Nesse resumo, a obra madura de Marx é analisada para confrontar algumas interpretações que, ao empregar a noção marxiana de intelecto geral (*general intellect*), acabam endossando equívocos do idealismo pós-moderno, a exemplo das concepções de Lazzarato (1996), Gorz (2005) e Moulrier-Boutang (2011)<sup>2</sup>. Apesar das fragilidades dessas abordagens, elas têm se popularizado no meio acadêmico e acabam contribuindo para expansão de um fenômeno: cada vez mais nos deparamos com autores que empregam a noção marxiana de intelecto geral sem confrontá-la com o que Marx escreveu e publicou sobre a aplicação da ciência e do conhecimento nos processos produtivos. Diante dessa grave lacuna, esse tipo de interpretação equivocada acaba por apresentar, como se fosse de Marx, um conjunto de concepções que o próprio autor combateu de maneira clara, direta e enfática na sua principal obra, *O Capital* (2013), e nos seus manuscritos preparatórios, desde o começo da década de 1860, quando ele apreende de maneira mais adequada as dinâmicas socioeconômicas do capitalismo avançado (MARX, 1978, 1994a, 1994b, 2007, 2010).

Nesse sentido, o objetivo do resumo é: (i) apresentar a controversa noção de intelecto geral de Marx; (ii) expor a origem da expressão intelecto geral, que é bem anterior ao seu emprego pelo pensador alemão; e (iii) contrapor a noção de intelecto geral com a obra madura de Marx, na qual ele abandona aquela concepção em favor de uma interpretação que representa melhor o capitalismo avançado. Para atingir esses objetivos, foi adotada como opção metodológica uma revisão bibliográfica que confronta algumas reflexões de Pasquinelli (2019) e de Heinrich (2013) com alguns textos que Marx nos legou em sua maturidade.

## **2 A NOÇÃO DE INTELECTO GERAL NOS *GRUNDRISSE***

O conjunto de manuscritos conhecido como *Os Grundrisse*, redigido por Marx nos anos 1857 e 1858 (MARX, 2011), pode ser considerado como o primeiro esboço de *O Capital*, obra magna publicada quase dez anos depois, em 1867 (MARX, 2013). Nos *Grundrisse*, o autor registra o avanço das suas pesquisas quinze anos após ter iniciado seus estudos de Economia Política com o objetivo de revelar os fundamentos da sociedade burguesa moderna, ou seja, “o modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e de circulação” (MARX, 2013, p. 78). Apesar do caráter provisório e inacabado dos *Grundrisse*,

---

<sup>2</sup> Por limitações de espaço, não é possível discutir aqui as fragilidades das referidas perspectivas pós-modernistas. Algumas delas são abordadas em Marques (2017) e Marques, Kerr Pinheiro (2014, 2019).



trata-se de fonte riquíssima para apreensão do progresso das investigações de Marx, inclusive das suas dúvidas e dos exercícios especulativos que ele desenvolve em seu percurso, o que enseja que esse material seja chamado de cadernos de notas do laboratório de Marx.

Pertence aos *Grundrisse* o excerto conhecido como *Fragmento sobre as máquinas* (MARX, 2011), no qual o autor conjectura sobre a aplicação da ciência e da tecnologia nos processos produtivos da grande indústria automatizada. Nessa visada especulativa, Marx percebe que a automação industrial tende a expulsar do processo de produção o único elemento capaz de criar valor, ou seja, o trabalhador. Marx aponta aí uma contradição que fomentaria a superação do modo de produção capitalista: “O capital trabalha, assim, pela sua própria dissolução como a força dominante da produção” (2011, p. 583).

Essa reviravolta revolucionária, na qual não está presente nem a luta de classes nem a política, é vislumbrada por Marx num futuro quando a produção de riqueza dependeria menos do tempo de trabalho, pois a produção de riqueza estaria essencialmente fundada “no nível geral da ciência e do progresso da tecnologia, ou da aplicação dessa ciência à produção” (2011, p. 588). Nesse contexto, afirma Marx, “desmorona a produção baseada no valor de troca” (2011, p. 588), ou seja, o capitalismo iria ruir.

Nessa perspectiva emancipatória, o conhecimento socialmente construído, que Marx chama de intelecto geral (2011, p. 589), ao ser incorporado no capital fixo do maquinário, se tornaria uma força produtiva imediata e assumiria o controle das condições do processo vital da sociedade. Nos termos do autor:

A natureza não constrói máquinas nem locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, máquinas de fiar automáticas etc. Elas são produtos da indústria humana; material natural transformado em órgãos da vontade humana sobre a natureza ou de sua atividade na natureza; força do saber objetivada. O desenvolvimento do capital fixo indica até que ponto o saber social geral, conhecimento, deveio força produtiva imediata e, em consequência, até que ponto as próprias condições do processo vital da sociedade ficaram sob o controle do intelecto geral e foram reorganizadas em conformidade com ele. Até que ponto as forças produtivas da sociedade são produzidas, não só na forma do saber, mas como órgãos imediatos da práxis social; do processo real da vida (MARX, 2011, p. 589).

Esse controverso exercício especulativo jamais foi retomado em qualquer outro trecho da obra de Marx (PRADO, 2014). Antes de discutirmos como amadurece o pensamento de Marx sobre essas temáticas, a próxima seção apresenta a origem da expressão intelecto geral.



### 3 ORIGEM DA EXPRESSÃO INTELLECTO GERAL

A pesquisa documental e bibliográfica de Pasquinelli (2019) revela a origem da expressão intelecto geral, que remonta o ano de 1824, quando surgiu na Inglaterra um debate público que ficou conhecido como *Questão da Maquinaria*. Discutia-se como enfrentar o aumento do desemprego decorrente da substituição de trabalhadores por máquinas automatizadas. Naquela ocasião, surgiu uma campanha, chamada de *Marcha do Intelecto*, que defendia a adoção de programas de educação pública e qualificação de trabalhadores das classes mais pobres como solução para aquele novo problema que atormentava a sociedade inglesa: a automação industrial e suas consequências.

Naquele ano, o jornal *The Times* entrou no debate e, assumindo uma postura reacionária, passou publicar regularmente até 1850, sob o título de *Marcha do Intelecto*, uma série de textos, gravuras satíricas e poemas que ridicularizavam a classe trabalhadora semiletrada e suas ambições intelectuais. Nessa série de publicações não faltaram registros de cunho racista, como, por exemplo, uma publicação intitulada “*Marcha do Intelecto da África*” que zombava da ascensão social de um califa argelino (HANCHER, 2016). Percebe-se nesse acervo documental a sinceridade brutal da burguesia inglesa, para a qual o conhecimento e a ciência não eram apenas símbolo de uma classe superior, mas também instrumento para dominação de classe.

Conforme revela Pasquinelli (2019), nesse contexto histórico, a expressão “intelecto geral” foi adotada pela primeira vez por William Thompson (1824, p. 298), que também empregou, no mesmo sentido, os termos “conhecimento geral da mente humana” (1824, p. 330), “progresso do conhecimento geral” (1824, p. 369, 376, 379) e “potência intelectual geral” (1824, p. 291). A expressão “intelecto geral” foi usada por Thompson num trecho em que ele denuncia a distribuição desigual de conhecimento entre homens e mulheres:

o intelecto geral de toda a comunidade, masculina e feminina, é atrofiado ou pervertido na infância, ou mais comumente ambos, ao ocultar das mulheres o conhecimento possuído pelos homens. [...] Por meio da manutenção da ignorância nas mulheres, metade da raça humana se opõe em interesse e está em incessante conspiração contra a superioridade intelectual da outra metade. [...] O único e simples remédio para os males decorrentes dessas instituições quase universais da escravidão doméstica de metade da raça humana é erradicá-los totalmente. Dar a homens e mulheres direitos civis e políticos iguais (THOMPSON, 1824, p. 298-300).



Em 1828, o periódico *The London Magazine*, opositor dos *Tories* conservadores, manifestou, em um texto intitulado “Educação do povo”, seu apoio à *Marcha do Intelecto* para o bem do “intelecto geral do país” (THE LONDON MAGAZINE, 1828, p. 1).

A noção de intelecto geral, presente naqueles jornais ingleses de grande circulação, também envolveu autores do campo da Economia Política, que Marx estudou e citou (2011, 2013, 2017), a exemplo dos socialistas William Thompson (1824), Thomas Hodgskin (1827) e Robert Owen (1837), além dos cientistas Charles Babbage (1832) e Andrew Ure (1835).

Portanto, como corretamente alega Pasquinelli (2019), é com esse conjunto de autores que Marx estabelece uma interlocução no *Fragmento sobre as máquinas* (MARX, 2011), bem como no *Livro I de O Capital* (MARX, 2013), principalmente no *Capítulo 12 - Divisão do trabalho e manufatura* e no *Capítulo 13 - Maquinaria e grande indústria*.

No entanto, na obra magna *O Capital*, Marx (2013) nos apresenta uma interpretação da realidade dos processos de automação industrial que é completamente diferente daquela que havia registrado no *Fragmento sobre as máquinas* (2011). Esse é o tema da próxima seção.

#### **4 CONHECIMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA OBRA MADURA DE MARX**

Heinrich (2013) argumenta que o exercício especulativo que Marx (2011) registra ao abordar o intelecto geral representa um equívoco que ele superaria alguns anos mais tarde.

Os resultados da pesquisa bibliográfica que ora são apresentados confirmam essa interpretação, conforme fica patente nos trechos da obra tardia de Marx onde ele discute o papel do conhecimento científico e tecnológico aplicado aos processos de produção capitalistas. Merece destaque, por exemplo, o *Livro I de O Capital* (MARX, 2013), principalmente as passagens dos capítulos 12 e 13 onde o autor trata do mais-valor relativo, da cooperação, da divisão do trabalho, da maquinaria e da grande indústria. Também confirmam essa interpretação alguns registros preparatórios de *O Capital*, como os cadernos V, XIX e XX dos *Manuscritos de 1861-1863* (MARX, 1994a, 1994b, 2007, 2010) e o chamado *Capítulo VI (inédito) de O Capital*, escrito em 1864 (MARX, 1978).

As fartas evidências textuais presentes nesse acervo comprovam que, no começo dos anos 1860, Marx já havia abandonado aquela controversa especulação sobre intelecto geral. Em seu lugar, o autor nos revela uma interpretação mais adequada acerca das dinâmicas do modo de produção especificamente capitalista e das relações sociais que lhe são subjacentes.



Quando o modo de produção capitalista atinge o estágio histórico da grande indústria, afirma Marx, os trabalhadores e as potências intelectuais do processo de produção se separam. Assim, a ciência passa a servir ao capital, em detrimento da classe trabalhadora:

Esse processo de cisão [...] se desenvolve na manufatura, que mutila o trabalhador, fazendo dele um trabalhador parcial, e se consuma na grande indústria, que separa do trabalho a ciência como potência autônoma de produção e a obriga a servir ao capital (2013, p.435).

A máquina, prossegue Marx, em vez de facilitar o trabalho, torna-se um instrumento de tortura, pois “não livra o trabalhador do trabalho, mas seu trabalho de conteúdo” (2013, p. 495). A habilidade do trabalhador que opera a máquina acaba perdendo relevância quando o conhecimento e a tecnologia são materializados no sistema da maquinaria, constituindo uma potência do capital sobre o trabalho. Nos termos de Marx:

A habilidade detalhista do operador de máquinas individual, esvaziado, desaparece como coisa diminuta e secundária perante a ciência, perante as enormes potências da natureza e do trabalho social massivo que estão incorporadas no sistema da maquinaria e constituem, com este último, o poder do patrão (2013, p. 495).

O conhecimento e o avanço tecnológico, ao serem materializados no maquinário industrial, assumem a forma social<sup>3</sup> do capital constante, ou seja, trabalho morto que subordina e suga a força de trabalho viva. Assim, ao contrário de emancipar o trabalhador, o conhecimento incorporado no trabalho morto das máquinas domina o trabalho vivo dos seres humanos, permitindo que o capital cumpra sua sina insaciável: ser valor que se autovaloriza à custa do furto do tempo de trabalho e, em última instância, do furto da própria vida. É nesse sentido, que Marx afirma: “o capital é trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga” (2013, p. 307).

No manuscrito *Capítulo VI (inédito) de O Capital* de 1864 (MARX, 1978), essa percepção de Marx já está consolidada. Isso fica patente quando o autor discute a transição histórica da *subsunção formal* do trabalho ao capital para a *subsunção real* do trabalho ao capital.<sup>4</sup> Nesse contexto, a aplicação da ciência aos processos produtivos da grande indústria assume importância central. Nos termos de Marx, “a aplicação da ciência - esse produto geral do desenvolvimento social - ao processo imediato de produção [...] se apresenta como força produtiva do capital, não como força produtiva do trabalho” (1978, p. 55). A maquinaria passa comandar os processos produtivos e “se converte no verdadeiro dominador do trabalho vivo”

<sup>3</sup> Sobre a noção de *forma social* que é adotada por Marx, vide Marques (2022b).

<sup>4</sup> Sobre a *subsunção formal* e a *subsunção real*, vide Bolaño (2007) e Marques (2020).



(1978, p. 14). Essa dominação “da coisa sobre o homem, [...] do trabalho morto sobre o trabalho vivo, do produto sobre o produtor” representa “a conversão do sujeito em objeto e vice-versa”, tal qual também se observa no reino da religião (MARX, 1978, p. 20-21).

Portanto, na obra madura de Marx, o autor apresenta interpretações mais adequadas para aqueles problemas que o haviam atormentado na ocasião da redação do *Fragmento sobre as máquinas*. A principal chave para decifrar aquele enigma é a noção de mais-valor relativo, revelada nos *Manuscritos de 1861-1863* (MARX, 1994a, 1994b, 2007, 2010).

Assim, ao contrário do que Marx havia cogitado nos *Grundrisse*, a aplicação da ciência e da técnica ao maquinário não abre janelas para emancipação do trabalhador. Em diferente direção, ela torna-se “o meio mais poderoso de incrementar a produtividade do trabalho, isto é, de encurtar o tempo de trabalho necessário à produção de uma mercadoria” (MARX, 2013, p. 475). A maquinaria torna-se um instrumento para incrementar a produção de mais-valor:

Como qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, [a maquinaria] deve baratear mercadorias e encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador necessita para si mesmo, a fim de prolongar a outra parte de sua jornada, que ele dá gratuitamente para o capitalista. Ela é meio para a produção de mais-valor (MARX, 2013, p. 445).

Se, nos *Grundrisse*, a automação industrial enseja a ruína do capitalismo, nos *Manuscritos de 1861-1863* (1994a, 1994b, 2007, 2010), ela é apresentada como uma tendência geral da produção capitalista.

[O trabalho morto] surge aqui como meio para substituir o trabalho vivo ou como aquele meio de fazer diminuir o número de trabalhadores. Essa diminuição do trabalho humano aparece como especulação capitalista, como meio para aumentar a mais-valia. [...] O valor individual das mercadorias produzidas pela introdução geral da maquinaria põe-se diferentemente de seu valor social, e os capitalistas tomados isoladamente apropriam-se da parte referente a essa diferença. Aqui aparece a tendência geral da produção capitalista tomada em todos os seus ramos produtivos: o trabalho humano substituído pela máquina (MARX, 2010, p. 232-233).

A automação industrial, que coloca os trabalhadores para fora do processo produtivo revela-se, assim, um meio para autovalorização do capital: “A autovalorização do capital por meio da máquina é diretamente proporcional ao número de trabalhadores cujas condições de existência ela aniquila” (2013, p. 502-503). Porém, Marx percebe claramente que a substituição de trabalho humano por máquinas automáticas tem limites práticos, afinal, na perspectiva do capitalista, essa substituição só pode se dar nas situações em que o maquinário “custe menos trabalho do que o trabalho que sua aplicação substitui” (2013, p. 466).



Diante desse entendimento, Marx combate a miopia dos luditas ao conclamar os trabalhadores a não se revoltarem contra a maquinaria, pois ela é apenas uma “forma determinada do meio de produção, [...] base material do modo de produção capitalista” (MARX, 2013, p. 500). O adversário a ser enfrentado, explica Marx, é a forma social que a tecnologia assume no contexto histórico do capitalismo:

Foi preciso tempo e experiência até que o trabalhador distinguisse entre a maquinaria e sua aplicação capitalista e, com isso, aprendesse a transferir seus ataques, antes dirigidos contra o próprio meio material de produção, para a forma social de exploração desse meio (MARX, 2013, p. 501).

Em suma, essas são algumas passagens, dentre várias que poderiam ser apresentadas, que revelam que Marx, tendo apreendido o real papel da ciência e do conhecimento nos processos de produção capitalistas, abandona definitivamente a especulação acerca do intelecto geral que ele havia esboçado no *Fragmento sobre as máquinas*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as dinâmicas socioeconômicas do século XXI, quando as tecnologias formam uma nova base técnica para as relações sociais vigentes, estou convencido que é na obra madura de Marx que encontramos o arcabouço teórico mais pertinente para compreendermos o tempo presente.

Em diferente direção, os autores pós-modernistas já citados adotam a noção de intelecto geral como chave explicativa para as dinâmicas socioeconômicas do mundo contemporâneo. A insistência nesse equívoco é algo a ser combatido por meio de análises empíricas que não cabem nos limites desse breve texto. No entanto, no plano teórico, o que não se justifica é que sejam apresentadas como se fossem de Marx algumas ideias que o próprio Marx negou de maneira clara, direta e veemente em *O Capital* e em vários manuscritos redigidos a partir dos anos 1860. É uma injustiça atribuir à Marx ideias que ele combateu nos textos que publicou em vida e em muitos manuscritos não publicados que ele nos legou.

Nesse contexto, coloca-se uma pertinente pergunta. Por que Marx teria abandonado aquela especulação emancipatória sobre o intelecto geral? A resposta para essa pergunta está na contundente crítica de Marx às ilusões do idealismo. Desde sua juventude, Marx e Engels já opunham sua compreensão materialista da história ao espírito (*Geist*) hegeliano. Nesse sentido, Marx sintetiza: “não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o ser social que, inversamente, determina sua consciência” (MARX, 2003, p. 5).



Assim, aqueles que creem que o intelecto geral pode fomentar a superação da sociabilidade do capital aderem à uma perspectiva idealista, portanto, distante da realidade. Os limites da razão iluminista são bem conhecidos pelo menos desde o século XIX. Como acertadamente aponta Marx, no contexto histórico do modo de produção capitalista, conhecimento, ciência e tecnologia assumem formas sociais que estão a serviço da acumulação de capital e não da emancipação humana.

Nos limites históricos do capitalismo, os frutos do espírito humano, como o conhecimento, a ciência, a tecnologia, a educação e a cultura, adquirem uma forma social particular, uma “existência social” (MARX, 2013, p. 142) subordinada à coerção das relações sociais impostas pelo capital. Portanto, não é aí que está o germe de um novo tipo de sociabilidade. Superar as barbáries do modo de produção capitalista é tarefa a ser conduzida na esfera do trabalho humano, eterno *locus* da produção e da reprodução da vida, com suas contraditórias relações sociais.

A Ciência da Informação tem sido caracterizada como um campo influenciado pelo pós-modernismo (CARDOSO, 1996; ARAÚJO, 2014), o que implica na assimilação de algumas fragilidades do pensamento pós-moderno como, por exemplo, os fetichismos da informação, do conhecimento, da cultura e da tecnologia. É sintomático o fato de que, na Ciência da Informação, frequentemente aceita-se sem ressalvas a ideia de que estaríamos vivendo uma idílica e emancipatória ‘sociedade da informação’. O pensamento de Marx é antídoto imprescindível para superação desses equívocos (MARQUES, 2017, 2022b).

**AGRADECIMENTOS:** A pesquisa recebeu financiamento da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Ministério da Educação e Cultura.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos; São Paulo: Abrainfo, 2014.
- BABBAGE, Charles. **On the Economy of Machinery and Manufactures**. London: Charles Knight, 1832.
- BOLAÑO, César Ricardo. Processo de trabalho e crítica do trabalho imaterial sobre o intelecto geral, comunicação e conhecimento. In: Encontro Nacional de Economistas Marxistas, 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2007.
- CARDOSO, Ana Maria Pereira. Pós-modernismo e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 1996.
- HANCHER, Michael. From Street Ballad to Penny Magazine: ‘March of Intellect in the Butchering Line’. In: BRAKE, L.; BELL, B.; FINKELSTEIN, D. (Orgs.). **Nineteenth-century Media and the Construction of Identities**. London: Palgrave, 2016.



- HEINRICH, Michael. The 'Fragment on Machines': A Marxian Misconception in the Grundrisse and its Overcoming in Capital. In: BELLOFIORE, R.; STAROSTA, G.; THOMAS, P. D. (Orgs.). **In Marx's Laboratory: Critical Interpretations of the Grundrisse**. Leiden: Koninklijke Brill NV, 2013.
- HODGSKIN, Thomas. **Popular Political Economy: Four lectures delivered at the London Mechanics Institution**. London: Tait, 1827.
- LAZZARATO, Maurizio. Immaterial Labour. In: VIRNO, P.; HARDT, M. (Orgs.). **Radical Thought in Italy: A Potential Politics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.
- GORZ, Andre. **O Imaterial: Conhecimento, Valor e Capital**. São Paulo: Annablume, 2005.
- MARQUES, Rodrigo Moreno. Polarization of information and knowledge: a dialectical approach. **International Review of Information Ethics**, v. 26, p. 16-25, 2017.
- MARQUES, Rodrigo Moreno. A atualidade de Marx diante do trabalho na era digital. In: Raslan Filho, Gilson; Visibeli, Janaína. (Org). **Comunicação, desenvolvimento, trabalho: perspectivas críticas**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.
- MARQUES, Rodrigo Moreno. Intelecto geral: origem e superação de um equívoco de Karl Marx. **Trabalho & Educação**, v. 31, n. 1, p. 47-67, 2022a.
- MARQUES, Rodrigo Moreno. Fetichismo da informação e da cultura: contribuições à crítica da Ciência da Informação. In: FROTA, M. G. C.; SILVEIRA, F. J. N.; MARQUES, R. M. (Orgs.). **Informação, Mediação e Cultura: teorias, métodos e pesquisas**. BH: Letramento, 2022b.
- MARQUES, Rodrigo Moreno; KERR PINHEIRO, Marta Macedo. Polarização do Conhecimento na Era da Informação: o Vale do Silício como exemplo. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.7, n.1, 2014.
- MARQUES, Rodrigo Moreno; KERR PINHEIRO, Marta Macedo. Voices from Silicon Valley expose the polarization of knowledge in the information age. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 21, n. 4, 2019.
- MARX, Karl. **O Capital, Livro I: capítulo VI (inédito) de O capital**. São Paulo: Livraria e Editora Ciências Humanas, 1978.
- MARX, Karl. Economic Manuscript of 1861-1863. In: MARX, K., ENGELS, F. **Collected Works**, v. 30, London: Lawrence & Wishart, 1994a.
- MARX, Karl. Economic Manuscript of 1861-1863. In: MARX, K., ENGELS, F. **Collected Works**, v. 34, London: Lawrence & Wishart, 1994b.
- MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. Manuscritos de 1861-1863 Fragmento de "a mais-valia relativa - acumulação". In: ROMERO, Daniel. **Marx e a técnica: um estudo dos manuscritos de 1861-1863**. São Paulo: Expressão Popular. 2007.
- MARX, Karl. **Para a crítica da economia política, Manuscritos de 1861-1863, Cadernos I a V, Terceiro Capítulo – O capital em geral**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O Capital - Livro I**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **O Capital - Livro III**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MOULIER-BOUTANG, Yan. **Cognitive Capitalism**. London: Polity Press, 2011.
- OWEN, Robert. **Essays on the Formation of the Human Character**. Manchester: H&W, 1837.
- PASQUINELLI, M. On the origins of Marx's general intellect. **Radical Philosophy**, v.2.06, 2019.
- PRADO, Eleutério Fernando da Silva. Intelecto Geral. In: MARQUES, Rodrigo Moreno; RASLAN, Filipe; MELO, Flávia; KERR PINHEIRO, Marta Macedo (Orgs). **A Informação e o Conhecimento sob as Lentes do Marxismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.
- THE LONDON MAGAZINE. **Education of the people**. Third series, v. 1, April-July. 1828.



THOMPSON, William. **An Inquiry into the Principles of the Distribution of Wealth Most Conducive to Human Happiness, Applied to the Newly Proposed System of Voluntary Equality of Wealth.** London: Longman, 1824.

URE, Andrew. **The Philosophy of Manufactures: or An Exposition of the Scientific, Moral, and Commercial Economy of the Factory System of Great Britain.** London: C. Knight. 1835.